

COMENTÁRIOS

A bacia do São Francisco: Um sertão brasileiro*

PRESTON E JAMES

A incidência da atenção geográfica sôbre o Brasil é um notável desenvolvimento dos últimos vinte anos. De uma das regiões menos estudadas da América Latina no passado, surgiu o Brasil como uma das mais bem conhecidas. Deve-se êste crescimento, a um ativo interêsse na cultura geográfica, interêsse êste centralizado e irradiado pelo Conselho Nacional de Geografia, do Rio de Janeiro.

Autores estrangeiros que se dedicam ao Brasil, especialmente aquêles cujo estudo dos muitos aspectos da cultura brasileira reportam-se a apenas alguns anos atrás, podem esclarecer fatos novos e importantes, mas deixam com frequência de interpretar tais fatos adequadamente, por não situarem com precisão as concepções filosóficas e valores merais fundamentais que os escritores brasileiros conhecem naturalmente.

Existe portanto uma espécie de lacuna entre as obras de brasileiros, os quais não sentem necessidade de discutir as atitudes básicas e objetivos a êles tão familiares, e as dos estrangeiros, que tendem a exagerar a importância dêsses assuntos.

Esta lacuna é muito bem ilustrada por trabalhos recentes sôbre a bacia do São Francisco. De maior importância, é uma penetrante monografia de JORGE ZARUR, que forma uma espécie de estudo experimental para uma série de análises regionais. Várias outras obras, por ambos brasileiros e norte-americanos, tratam de aspectos distintos da bacia do São Francisco. Todos deixam, no entanto, o quadro incompleto para um estrangeiro, a menos que êste compreenda o significado do têrmo "sertão". Porque para o brasileiro em geral, culto ou inculto, a bacia do São Francisco é o sertão.

A palavra sertão não se traduz facilmente.

Sertão não é uma espécie de vegetação. Não é só terra virgem no sentido norte-americano da palavra. Não é inexplorado: o interior do Brasil tem sido percorrido vêzes e vêzes, por quatrocentos anos, e vez após vez tem enriquecido os hastante fortes, bravos e persistentes o bastante para descobrir e explorar seus recursos ocultos. Ele não é vazio, sôbre tôda sua extensão existem vilarejos e cidades perdidos em léguas de terra desocupada. Mas nenhuma descrição das coisas fisicamente presentes no sertão pode expressar por completo a palavra; pois trata-se também de um processo mental, uma crença na existência de riquezas ocultas e num povo dotado de discernimento e energia pouco comuns. Mesmo antes de EUCLIDES DA CUNHA desenvolver êste tema, o conceito de sertão já se tinha fixado na mente do brasileiro.

Para o brasileiro do século vinte, êste sentimento "quase-místico" pelo sertão não representa uma atração.

As grandes cidades das regiões habitadas oferecem vantagens reais ou imaginárias, que atraem população. Do sertão mesmo existe uma pouca densa mas contínua migração rumo às áreas habitadas. O brasileiro da cidade, no entanto, não é nunca cético ante a possibilidade de que outra pessoa que não êle, encontre a chave para desvendat as riquezas do sertão e principial um grande avanço para o interior, a "marcha para o oeste".

Bacia do São Francisco

ZARUR escreveu que "nenhum sistema fluvial teve papel mais preponderante na consolidação da unidade brasileira do que o São Francisco".

* Publicado in *Geographical Review*, vol. XXVIII, n.º 4 - October 1948. Tradução de CECÍLIA DE CERQUEIRA LEITE ZARUR.

Isso é curiosamente verdadeiro, embora poucos brasileiros cultos tenham visitado a região, apenas poucos produtos tenham derivado dela, e como linha de comunicação interna o rio seja extremamente inadequado para carregar uma fração sequer do comércio doméstico entre diferentes regiões do país. Mas a bacia do São Francisco liga todos os núcleos populacionais espalhados ao longo da costa, de sudeste para o norte, rumo ao interior da Bahia e Pernambuco. O grande rio nasce em Minas Gerais, apenas um pouco ao noroeste do Rio de Janeiro, mais de mil milhas para o norte ele se desvia abruptamente para o leste e precipita-se em numerosas cachoeiras e rápidos em direção do Atlântico. Para o povo de Pernambuco e Bahia, como para os de Minas Gerais e Rio de Janeiro, o sertão imediatamente atrás é a bacia do São Francisco.

A região não é de modo algum uniforme em seu caráter físico. ZARUR reconhece quatro divisões principais da "Bacia Média". Há a "Média Superior", que contém um quarto da área e 21 por cento da população. Potencialmente é a mais produtiva para agricultura por sofrer menos a seca que regiões mais distantes, rio abaixo. Ela é hoje coberta de savanas (campos cerrados) e de florestas semi-decíduas. As atividades produtivas, em pequena escala, incluem beneficiamento de algodão, preparo de arroz, moagem de farinha de mandioca, destilação de aguardente, preparo de óleo de mamona, babaçu, óleo da semente de algodão e sabão. Pirapora é o centro urbano, situada cêrca do início da navegação, no médio rio, e no fim de uma estrada de ferro de bitola estreita procedente de Belo Horizonte. Para o nordeste Montes Claros, também uma ponta de estrada de ferro, é um centro de importância secundária.

O segundo distrito é o "Médio Inferior", que se estende pela fronteira de Minas Gerais e Bahia, aonde principiam as quedas e rápidos. Contém 41% da área e 36% da população. Pela freqüência crescente de secas na direção do Norte, o tipo da ocupação humana é mais relacionado às fontes de água que o do Médio Superior. Pequenos povoados estão separados por vastas áreas desprovidas de habitação permanente. A vegetação predominante é uma floresta de espinhos que perde suas fôlhas na estação seca, mas há florestas e galerias ao longo do rio. As ocupações principais são criação de gado e cabras, cultivo de legumes nas margens (culturas de vazante) junto às cidades, a coleta de carnaúba, caroá e borracha. A pescaria é uma importante fonte de alimento. São o principal centro comercial as cidades gêmeas de Juazeiro e Petrolina, a primeira no fim da estrada de ferro da Cidade do Salvador, a última no fim da estrada de Recife e próxima de um importante aeródromo.

O terceiro distrito é a "Zona das Quedas", que contém 15% da área e 33% de população. Sua densidade de população é de sete por quilômetro quadrado — o dôbro de qualquer outro distrito da Bacia Média. Em pequenos lotes de terra aluvial regados pelo rio há pequenas comunidades agricultoras especializadas na produção de algodão e mantimentos para subsistência. Criam-se animais onde quer que haja pastos. Ali os principais problemas são as inundações e secas freqüentes, que, combinadas com pouca higiene e falta de capital, conservam o nível de vida muito abaixo do que os recursos potenciais poderiam oferecer. As possibilidades hidroelétricas permanecem grandemente inexploradas. É óbvio que não se pode atacar os problemas exclusivamente com os recursos locais nessa região.

A quarta divisão da Bacia Média é o "Planalto Ocidental". Este estende-se para o oeste do Baixo Médio pela fronteira da Bahia e Goiás, contém 19% da área e 10% da população. Consiste de extensos tabuleiros separados pelos vales de dois afluentes principais do São Francisco. Refletindo o aumento médio das chuvas para o oeste, a vegetação muda gradualmente de caatinga para savanas abertas com florestas-galerias. É essa uma zona pioneira mas com grandes áreas dedicadas a pastagens em vastas fazendas de propriedade privada. Barreiras é o principal centro.

Em parte alguma da Bacia Média há gente realmente próspera, nem mesmo os grandes proprietários de terra. A pobreza é uma causa da dominância das

grandes propriedades e não um resultado, escreve ZARUR. Ela tem produzido uma espécie de democracia na qual pessoa alguma goza de renda suficiente para fazê-la objeto de inveja ou imitação. E a higiene precária e dita inadequada criam uma resignação paciente ou apatia em face das dificuldades. Para o sertanejo não há mistério acêrca do processo de viver no sertão, qualquer ação visando uma solução dos problemas de desenvolvimento, pensa êle, deve vir do que para êle significa de fato um poder místico, — o govêrno federal.

O São Francisco é usado como meio de transporte. Seu curso médio, de Juazeiro a Pirapora, é navegável para vapôres de pequeno calado, e as várias companhias de transporte em competição levam pequenas quantidades de mercadorias rio acima e abaixo. Em anos passados inúmeros habitantes do sertão cearense, acossados pela sêca, usaram o rio na procura de melhorar sua situação econômica no fabuloso estado de São Paulo. Por muito menor custo que os vapôres costeiros, essa pobre gente do interior alcançava Petrolina a pé, viajava por navegação fluvial daí para Pirapora, donde seguia de trem ou mesmo de ônibus para as fazendas de São Paulo. E' provável que milhares tenham feito essa viagem, e milhares terão talvez voltado, desencorajados pela maneira paulista de viver, a êles estranha. Mas como uma ligação interna entre o sudeste e o nordeste, para suplementar, ou em tempo de guerra para substituir as rotas da costa, o rio é relativamente de pequena importância. Durante a recente guerra o nordeste foi essencialmente uma ilha estratégica, pois salvo uma pequena proporção de seus abastecimentos, tudo tinha que vir por mar ou ar.

Uma avaliação

A monografia de ZARUR é exploratória no sentido de que sua finalidade, que está claramente apresentada, é ordenar os fatos relevantes relativos às condições presentes na região, para identificar problemas e sugerir medidas ulteriores. Principia com uma questão — pobreza humana, um dos problemas básicos de tôda a ciência social. Eis aqui uma região, escreve ZARUR, em que os habitantes não vivem tão bem quanto os recursos o permitiriam. Mas antes que medidas corretivas possam ser determinadas e adotadas, é essencial prover um fundo de quadro informativo e esclarecer o que precisa ser remediado.

ZARUR segue em geral o esquema sugerido pelo Land Committee do National Resources Planning Board. Depois de uma descrição geral das características físicas e sociais da região e um esquema das partes contrastantes mais importantes, êle prossegue com uma descrição dos pormenores da vida econômica — da população e seu modo de vida. Êle então enumera e discute 49 fatores que afetam a economia regional. Finalmente, um capítulo concludente apresenta recomendações que levam a reajustamentos aconselháveis na vida econômica. As recomendações têm a ver com a administração política, o levantamento minucioso dos recursos, e possíveis mudanças na vida econômica, na eficiência dos meios de transportes, e nas instituições sociais das comunidades do vale. Devido à necessidade de um ataque total coordenado aos problemas, em oposição ao ataque local, tradicional e fragmentado, ZARUR propõe a criação de uma "autoridade" regional para o propósito definido de planejar uma utilização mais efetiva dos recursos e realizar êsses planos.

Como poderemos avaliar o trabalho de ZARUR? Comparado aos estrangeiros, que tem escrito sôbre essa área, ZARUR não só oferece maior minúcia como também maior discernimento, tem a vantagem de maior familiaridade com seu assunto, e também — talvez mais importante — êle é mais capaz de selecionar o relevante do irrelevante. E sôbre suas recomendações, que, se levadas a efeito, custariam uma enorme soma de dinheiro?

Inquestionavelmente a região tanto apresenta oportunidades como sérios obstáculos. Para pequenos fazendeiros há provavelmente maiores oportunidades em outra parte qualquer, principalmente no sul do Brasil, onde há menos riscos climáticos, e onde também existe menos competição com o sistema social tra-

dicional da grande propriedade. Mas a autoridade regional poderá localizar e desenvolver zonas de pequena agricultura (*truck gardens*) adicionais, próximas dos mercados das cidades, dentro da região onde os pequenos fazendeiros poderão radicar-se — se os títulos de propriedade puderem ser definitivamente legalizados. Existe na bacia uma área considerável de terra apropriada para algodão e cana de açúcar; mas poderia esta região, mesmo com melhor transporte, competir com as plantações do Nordeste e de São Paulo em custo? Existe promessa definitiva de lucro na expansão da produção de mamona; porque óleo de mamona parece gozar de uma demanda contínua nos mercados mundiais. A bacia do São Francisco poderia competir com outras regiões, especialmente se grandes áreas fôssem cultivadas mecanicamente, mas isso não implicaria em aumento de população — talvez exatamente o oposto. A produção de mamona exige muitos trabalhadores e seria tão custosa e especulativa como a maioria das outras plantações tropicais

Para os brasileiros, contudo, a bacia do São Francisco oferece um desafio especial. O fato de que a região cobre partes de vários estados, fornece os elementos para ação pelo governo federal. A suposição de que a estratégia exige o desenvolvimento de um sistema de comunicação interno entre o Nordeste e o resto do Brasil favorece fortemente a idéia da ação federal nessa região. O fato de o São Francisco ligar os dois centros tradicionais da vida nacional brasileira, o sudeste e o nordeste, e de a maioria dos brasileiros estar pronta a ajudar o desenvolvimento de qualquer parte do sertão, e especialmente este sertão, significa que em nenhuma outra região poderia o governo federal principiar um ataque ao problema do interior com tão pouca oposição. E' interessante observar que um geógrafo brasileiro é quem está apontando o caminho
